

SAÚDE
ESCOLAR

Cerca de 10% dos estudantes de sete a 14 anos têm deficiência auditiva e, por isso, não vão bem nos estudos

OUVINDO

MAL

Guaíra Flor
Da equipe do Correio

“Essa menina vive no mundo da lua, parece que nunca presta atenção em nada.” Assim, muitos pais e professores descrevem uma criança desatenta e que anda sempre distraída. Daquelas que não prestam atenção na aula e parecem nunca escutar uma palavra do que é dito. Desinteresse? Talvez. Mas também é possível que ela não esteja ouvindo direito. Daí o comportamento avoado, que costuma vir acompanhado de um boletim cheio de notas baixas.

Atualmente, cerca de 10% das crianças em idade escolar têm algum tipo de deficiência auditiva. O problema interfere não só no desempenho escolar, mas na capacidade de aprendizagem e no desenvolvimento da fala de milhares de meninos e meninas. Incapazes de ouvir com clareza, eles perdem o interesse pela escola e sentem dificuldade para se relacionar com os coleguinhas.

Para evitar que isso aconteça, é preciso ficar atento às crianças que se distraem facilmente, têm dificuldade para conversar, problemas de comportamento ou sentem dores de ouvido com frequência. E quanto antes o problema for identificado, melhor. Pois as chances delas desenvolverem todo o seu potencial é maior quando o tratamento começa desde cedo. É o caso da esperta Joana D’Arc, oito anos, aluna da 3ª série do Centro de Ensino 5, do Paranoá. A menina sofre de surdez profunda desde que nasceu. A mãe, Laurinda da Silva, teve rubéola durante a gravidez e logo percebeu que a filha não escutava direito. “Sem o aparelho ela não ouve nada”, diz Laurinda, com naturalidade. “Mas ela sabe falar e lê os lábios como ninguém.”

Joana começou a usar o aparelho desde um ano e meio, por isso conseguiu aprender a falar. E a falar muito bem, quase sem deixar transparecer a surdez. Simpática e sorridente, ela adora ler em voz alta, conversa o tempo inteiro e é o xodó da turma. A ex-professora, Leila de Jesus, se derrete: “Um dia, meus alunos me falaram que ela estava sarando da surdez. Mas não era isso. É que a integração entre eles estava tão boa que a

surdez passava despercebida.”

A sala de aula continua sendo um dos melhores ambientes para identificar problemas auditivos. Por isso, a partir de agora, os professores do ensino básico terão um papel fundamental nesse diagnóstico. Principalmente os da rede pública, que avaliarão cerca de três milhões de alunos da 2ª série, até o final de abril. O exame será realizado com a ajuda de uma fita de vídeo, especialmente elaborada para esse fim. O vídeo, assim como uma cartilha para os educadores, está sendo distribuído em 38 mil escolas públicas de todo o país desde o início do mês.

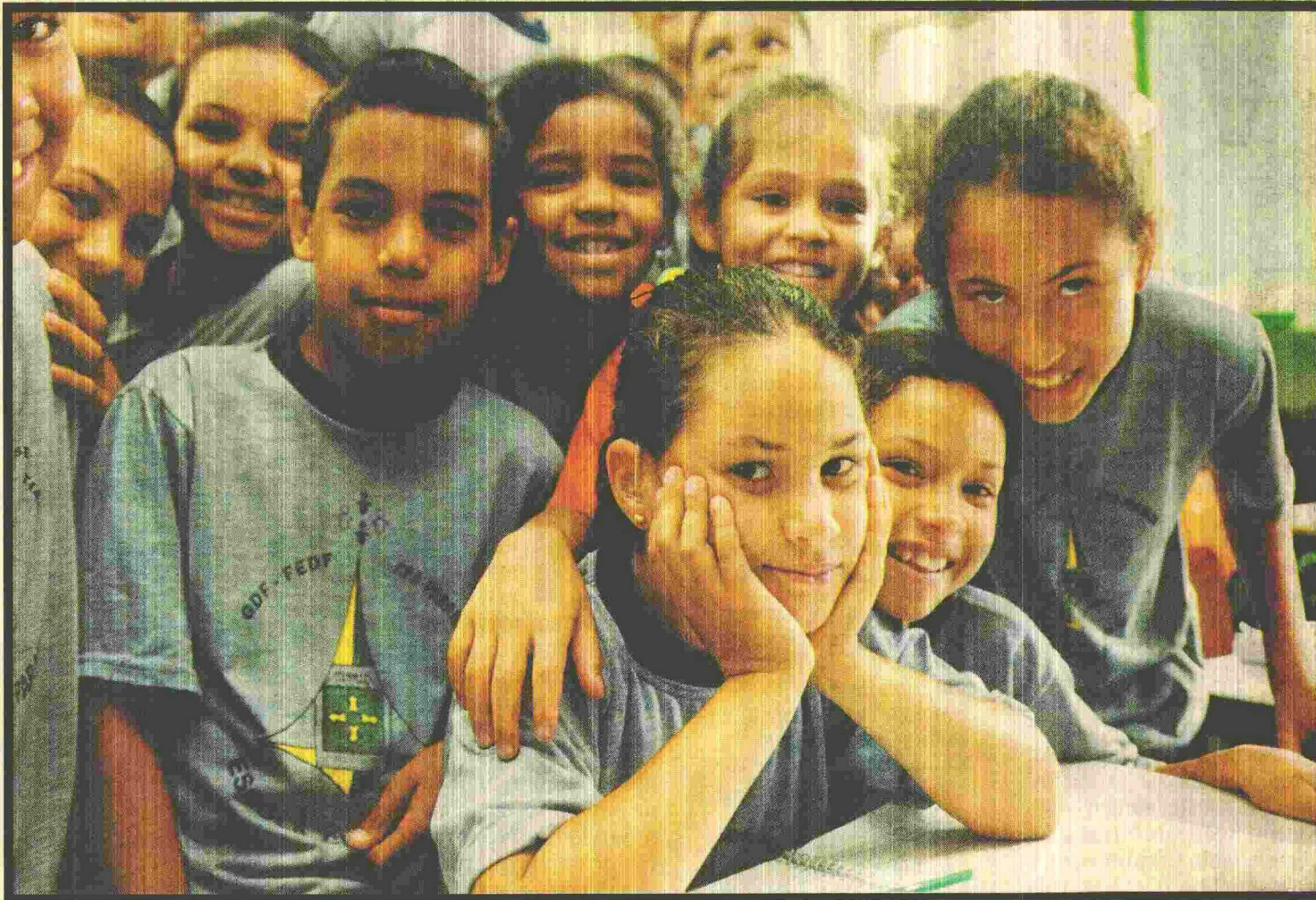
O material faz parte da campanha *Quem Ouve Bem, Aprende Melhor*, que visa o diagnóstico precoce de distúrbios auditivos que possam interferir no desempenho escolar das crianças. “Uma vez identificado o problema, os alunos serão encaminhados para tratamento”, afirma o otorrinolaringologista Pedro Albernaz, coordenador científico da campanha. “Hoje em dia, felizmente, quase todos podem ser resolvidos.” O último mutirão para detecção do problema aconteceu em 1999. No ano passado, o governo federal não liberou as verbas para o programa.

METAL NO OUVIDO

No Distrito Federal, a maioria das crianças com dificuldade para escutar teve seu problema resolvido com uma simples limpeza para retirar objetos do ouvido. “Os meninos têm curiosidade de enfiar coisas no ouvido”, explica o coordenador de saúde escolar da Secretaria de Educação, Pedro Alcântara, “No ano passado, tiramos miçangas, correntinhas e objetos de metais que tampavam o canal auditivo dos alunos.”

Os estudantes que realmente tinham alguma deficiência auditiva (menos de 1%, no DF) fizeram um exame audiométrico para saber o grau da lesão. Uma vez determinadas as causas e o tratamento, eles tiveram duas opções: começar a frequentar uma escola especial para deficientes auditivos, ou continuar estudando em um colégio inclusivo — que tem professores treinados para lidar com alunos especiais. Joana, sempre esperta, frequenta os dois tipos de colégio. E se dá bem em ambos.

Acácio Pinheiro



JOANA D'ARC (C) É O XODÓ DA TURMA NO CENTRO DE ENSINO 5 NO PARANOÁ: SURDEZ DESCOBERTA PRECOCEMENTE FACILITOU A INTEGRAÇÃO DA ALUNA



CAUSAS DA MÁ AUDIÇÃO

Conheça os motivos mais comuns que levam uma pessoa a não escutar bem:

PROBLEMAS CONGÊNITOS

■ A mulher que tiver rubéola durante a gravidez tem 14% de chances de ter um filho com problemas de surdez.

■ Quando o fator sanguíneo RH da mãe é negativo e o do pai positivo, pode haver incompatibilidade. O problema pode levar à surdez se não tratado

■ O parto prematuro aumenta o risco de perda auditiva

■ Casais com casos de surdez na família podem ter predisposição genética para o problema

DOENÇAS

■ A otite é uma infecção capaz de perfurar o tímpano, ou entupir o canal auditivo. A doença costuma ser desencadeada durante resfriados ou gripes

■ Sarampo, coqueluche, caxumba e meningite também podem causar perdas auditivas.

TRAUMATISMOS

■ Ruídos muito altos próximos a um ou ambos os ouvidos podem levar a perdas auditivas

■ Pancadas violentas no ouvido também

■ Objetos introduzidos pela criança no canal auditivo podem prejudicar o funcionamento do ouvido

FONTE: CARTILHA DO PROFESSOR, DA CAMPANHA NACIONAL PELA SAÚDE ESCOLAR 2001

SINAIS DE ALERTA

Hoje em dia, quase todos os problemas auditivos podem ser tratados, inclusive a surdez total. E quanto antes eles forem descobertos, melhor. Por isso, se o seu filho ou aluno apresentar algum desses sintomas, leve-o correndo ao otorrinolaringologista. E atenção: os sintomas variam com a idade:

RECÉM-NASCIDOS

■ O bebê não responde a estímulos sonoros (como o bater de palmas) a mais de 2 metros de distância
■ Ele não pára de chorar, mesmo quando a mãe está falando para acalmá-lo

DE 8 MESES A 1 ANO

■ A criança não vira a cabeça na direção de sons familiares

■ Também não tenta falar quando é estimulada pela voz dos mais velhos

1 ANO E MEIO

■ Ela não é capaz de falar palavras simples, como mamãe, papai, etc
■ Não consegue identificar partes do próprio corpo quando alguém pergunta

2 ANOS

■ A criança não consegue seguir ordens, mesmo as mais simples, sem dicas visuais. É o caso dos meninos que só vão para algum lugar, quando os pais ou professores apontam a direção
■ É incapaz de repetir frases

3 ANOS

■ Não consegue localizar de onde

veem os sons

■ Não compreende e não usa palavras simples como eu, você, quente e frio

4 ANOS

■ A criança não é capaz de contar com coerência alguma experiência recente, como um simples passeio de bicicleta

5 ANOS

■ Não consegue conversar
■ Sua fala pode ser difícil de entender

IDADE ESCOLAR

■ Perda de concentração e excesso de distração
■ Desempenho escolar abaixo da média
■ Resfriados e dores de ouvido frequentes